



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL DO PARÁ
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS**

ELZA DO SOCORRO FERREIRA PEREIRA

**O LÚDICO COMO RECURSO DIDÁTICO PARA O ENSINO-
APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM SÍNDROME DE
DOWN.**

Abaetetuba/Pará
Julho de 2011

ELZA DO SOCORRO FERREIRA PEREIRA

**O LÚDICO COMO RECURSO DIDÁTICO PARA O ENSINO-
APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado para obtenção de Grau de Licenciatura Plena em Pedagogia, Faculdade de Educação e Ciências Sociais, Campus Universitário de Abaetetuba, Universidade Federal do Pará. Orientado pelo Prof. Esp. Georges Alberto Silva Pinheiro.

Abaetetuba/Pará
Julho de 2011

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

P436l Pereira, Elza do Socorro Ferreira.
O lúdico como recurso didático para o ensino aprendizagem da
criança com Síndrome de Down / Elza do Socorro Ferreira Pereira.
— 2011.
61 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Me. Georges Alberto Silva Pinheiro
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de
Pedagogia, Abaetetuba, 2011.

1. Lúdico. 2. Síndrome de Down. 3. Ensino-
Aprendizagem. I. Título.

CDD 371.9046098115

ELZA DO SOCORRO FERREIRA PEREIRA

**O LÚDICO COMO RECURSO DIDÁTICO PARA O ENSINO-
APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado para obtenção de Grau de Licenciatura Plena em Pedagogia, Faculdade de Educação e Ciências Sociais, Campus Universitário de Abaetetuba, Universidade Federal do Pará. Orientado pelo Prof. Esp. Georges Alberto Silva Pinheiro.

Conceito: _____

Data da aprovação: ___/___/____.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Georges A. S. Pinheiro – UFPA

Examinador: Waldir Ferreira de Abreu – UFPA

Abaetetuba/Pará
Julho de 2011

À minha irmã, Maria do Livramento (*in memoriam*), quem me ensinou que mesmo com dificuldades podemos aprender que as brincadeiras fazem sentido quando você consegue conhecer algo novo ou, simplesmente ver o outro sorrir;

Aos meus pais, Raimundo Paes Pereira (*in memoriam*) e Margarida Ferreira Pereira que sempre foram modelos de dedicação à família, humildade e honestidade para com o próximo; que sempre colocaram a educação dos filhos acima de qualquer vaidade. Às pessoas que sempre me incentivaram ir à busca de meus objetivos e que sempre compartilharam momentos importantes de minha vida, como passar no vestibular. Com muito amor e carinho dedico.

AGRADECIMENTO

Primeiramente sinto a necessidade de agradecer a Deus pela oportunidade de viver e de trilhar os caminhos maravilhosos que me foram concedidos.

Também aproveito para manifestar meu sincero agradecimento a minha família. Iniciando por meu pai, Raimundo Pereira (*in memoriam*), que com muito trabalho amor e esforço me oportunizou uma criação apropriada.

À minha mãe, Margarida Pereira, que sempre dedicou todos os segundos de sua vida à arte de ser mãe, um amor incomparável, essencial para nossa família.

Aos meus irmãos João, Manoel, Pedro (*in memoriam*), Nonato, Benedita, Maria, Graça, Socorro e Maria do Livramento (*in memoriam*) que sempre me ajudaram direta ou indiretamente para minha formação.

Aos sobrinhos, principalmente, a Eliane, Maylane, Mayara e Gilcimar pela força e apoio que sempre me deram nesses anos.

Agradeço ao grupo de professores da UFPA, sem deixar de ressaltar a figura do professor Georges que me acolheu como orientanda e sempre demonstrou confiança no meu trabalho, ensinando-me que mais importante que saber o que é lúdico é saber trabalhar o lúdico como um recurso facilitador na aprendizagem da criança com Síndrome de Down; é ser uma pessoa dedicada aos estudos sem deixar a alegria e divertimento de lado.

Às minhas colegas e eternas amigas Alda Lúcia, Edilene, Maria do Socorro, Marlúcia, Onildes e, à minha vizinha Graça, que conquistaram meu respeito e admiração, e sempre compartilharam dos momentos felizes e difíceis da minha vida.

A todos vocês, meu eterno e sincero muito obrigado.

Incluir é ter uma visão crítica do mundo, estudando-o e reconhecendo parte dele como produtor da cultura.

Incluir não é só colocar crianças nas salas de aulas, é fazer o outro se sentir incluído, é saber valer seus direitos cumpridos, seus deveres. É olhar para os detalhes, possibilitar, juntar-se a outros, é também excluir, excluir os preconceitos de nossas vidas.

Fátima Alves, 2007.

RESUMO

O presente trabalho tem como tema “O lúdico como recurso didático para o ensino-aprendizagem da criança com Síndrome de Down”. Este trabalho tem como objetivo geral analisar a importância do lúdico como recurso didático no processo de ensino-aprendizagem de alunos com Síndrome de Down da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) e da Escola Dr. Vicente Maués. E como específicos: Verificar como o lúdico contribui para o desenvolvimento do Ensino-Aprendizagem do deficiente com Síndrome de Down; Saber de que maneira os professores da APAE e da Escola Dr. Vicente Maués, turno vespertino, podem utilizar o lúdico para desenvolver a coordenação motora dos alunos com Síndrome de Down; e, Perceber qual a relação do professor com o aluno Síndrome de Down na entidade APAE e na Escola Dr. Vicente Maués. Buscando responder a esses questionamentos optamos por realizar uma pesquisa com método indutivo, de abordagem qualitativa com aplicação de questionários e observações nas referidas Instituições Educacionais. Ao final da pesquisa, concluímos que o lúdico se torna necessário para a aprendizagem do aluno com Síndrome de Down.

PALAVRAS CHAVES: Lúdico, Síndrome de Down, Ensino-Aprendizagem.

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1- Frente da Entidade APAE.	43
IMAGEM 2 - Aluno na cozinha APAE em Atividade Profissionalizante.	44
IMAGEM 3- Aluna em aula de artesanato.	44
IMAGEM 4- Portão da Escola Dr. Vicente Maués.	46
IMAGEM 5- Quadra da Escola Dr. Vicente Maués.	47
IMAGEM 6- Atividade na piscina da APAE.	56
IMAGEM 7- Atividade na quadra coberta da APAE.	56
IMAGEM 8- Atividade de Aeróbica na quadra da APAE.	56
IMAGEM 9- Atividade de dança folclórica com os alunos da APAE.	56
IMAGEM 10- Sala regular da Escola Dr. Vicente Maués.	57
IMAGEM 11- Área de recreação da Escola Dr. Vicente Maués.	57

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1.....	50
Qual o seu tempo de atuação profissional e há quando tempo você trabalha com o ensino fundamental? E quanto tempo trabalha com criança especial?	
QUADRO 2.....	50
Você sabe o que significa a expressão lúdico?	
QUADRO 3.....	50
Em sua opinião, qual a contribuição do lúdico para o desenvolvimento de crianças com Síndrome de Down? Quais os benefícios proporcionados pelas brincadeiras e quais os tipos e os objetivos dessas brincadeiras?	
QUADRO 4.....	51
Você leva em consideração o cotidiano de seus alunos para a construção de suas aulas? Explique.	
QUADRO 5.....	51
Descreva como são realizadas suas aulas neste ambiente escolar?	
QUADRO 6.....	52
Como você classifica o comportamento de seus alunos dentro e fora da sala de aula?	
QUADRO 7.....	52
Você já participou de alguma formação continuada? Qual ou quais?	
QUADRO 8.....	52
Você utiliza em suas aulas atividades lúdicas como forma de mediação do saber, conhecer e aprender?	
QUADRO 9.....	53
Como se dá a interação entre a criança Down com as ditas normas e que tipo de mudanças de comportamento é observado nas mesmas?	
QUADRO 10.....	53
Sob seu ponto de vista como seus alunos sentem, pensam e agem dentro da sala de aula?	
QUADRO 11	53
Como você trata os alunos com Síndrome de Down? Explique.	
QUADRO 12.....	54

Como está acontecendo a inclusão do aluno com Síndrome de Down e quais os recursos didáticos, pedagógicos e lúdicos utilizados com os mesmos?

QUADRO 1354

Quais os recursos didáticos, pedagógicos e lúdicos que a escola possui?

QUADRO 14.....55

Quais as técnicas educacionais aplicadas ao deficiente com Down?

QUADRO 15.....55

Em sua opinião, quais os benefícios que a educação especial oferece para o educador, tanto na área profissional quanto na pessoal?

LISTA DE SIGLAS

CRAS- Centro de Referência e assistência Social.

APAE- Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais.

SD- Síndrome de Down.

PCN's- Parâmetros Curriculares Nacionais.

LDB- Leis de Diretrizes e Bases da Educação.

EJA- Educação de Jovens e Adultos.

SUMÁRIO

INDRODUÇÃO	12
CAPITULO I: O LÚDICO COMO MEDIADOR NA APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS	15
1.1 LÚDICO UM BREVE HISTÓRICO.....	15
1.2 O LÚDICO COM MEDIADOR DA APRENDIZAGEM.....	18
1.2.1 O Professor.....	19
1.2.2 O Lúdico como Mediador.....	21
CAPITULO II: A APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN	27
2.1 CONCEITO DE SÍNDROME DE DOWN.....	27
2.2 APRENDIZAGEM DO ALUNO COM SÍNDROME DE DOWN.....	32
CAPITULO III: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E CARACTERIZAÇÃO DO AMBIENTE DE PESQUISA	39
3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	39
3.1.1 Abordagem Qualitativa.....	40
3.1.2 Coleta de Dados.....	42
3.2 PERFIS DA ENTIDADE ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS EXCEPCIONAIS (APAE) E DA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL DR. VICENTE MAUÉS.....	42
3.2.1 Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE).....	43
3.2.2 Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Vicente Maués	46
CAPITULO IV: ANÁLISE DOS DADOS	49
4.1 A APLICAÇÃO DO MÉTODO.....	49
CONCLUSÃO	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	59

INTRODUÇÃO

O presente trabalho vem discutir a importância do “lúdico como recurso didático para o ensino-aprendizagem da criança com Síndrome de Down”, os quais ainda mostram-se marcados por dificuldades e preconceitos tradicionalmente estabelecidos que acabam por assumir um caráter negativista diante de uma sociedade dita igualitária. Dentre as perspectivas e práticas adotadas nos procedimentos, busca-se reabilitação dos indivíduos na educação escolar.

Contudo, com avanço de pesquisas que investigam essa Síndrome, realizadas em diversos campos do conhecimento, tem-se levantado que muitas dessas concepções se mostram imprecisas, necessitando serem revistas. Vem-se, portanto, investigar como o lúdico contribui para o desenvolvimento de ensino-aprendizagem do aluno com Síndrome de Down?

O interesse por essa temática surgiu há muito tempo ao brincar de professora com a minha irmã que era Down, mas víamos que ela não conseguia assimilar o conhecimento. Então quando veio a disciplina Ludicidade e Educação, ministrada pela docente Lana Patrícia, reacendeu o interesse por esse assunto. A disciplina trabalhou com a temática ludicidade, o lúdico e educação andam juntos para uma melhor aprendizagem, tendo bastante relevância para nossa formação. Diante desses dois fatores houve interesse pelo aprofundamento nesta área de estudo.

Esta pesquisa partiu de conhecimentos adquiridos acerca da Síndrome de Down e da Ludicidade, investigando o lúdico como recurso didático para o ensino-aprendizagem da criança com Síndrome de Down. Pois, com a inclusão acontecendo de modo avançado, o professor deve se cercar de subsídios para fazer com que o aluno deficiente tenha uma melhor aprendizagem.

A ludicidade vem se constituindo em um dos mais interessantes temas de reflexão na área da educação, permitindo-nos entender que o lúdico assume um papel significativo no processo educacional.

Ao entendermos que o lúdico pode facilitar a educação do aluno Down a partir das experiências vivenciadas, é que decidimos desenvolver essa pesquisa tendo como objetivo principal analisar a importância do lúdico como recurso didático no processo de ensino-aprendizagem de alunos com Síndrome de Down, da APAE e da Escola Dr. Vicente Maués. E como específicos: Verificar como o lúdico contribui para o desenvolvimento do Ensino-Aprendizagem do deficiente com Síndrome de

Down; Saber de que maneira os professores da APAE e da Escola Dr. Vicente Maués, turno vespertino, podem utilizar o lúdico para desenvolver a coordenação motora dos alunos com Síndrome de Down; e, Perceber qual a relação do professor com o aluno Síndrome de Down na entidade APAE e na Escola Dr. Vicente Maués.

Em vista disso, iniciou-se com um levantamento bibliográfico, através da seleção de coleta de livros e artigos, objetivando obtermos suporte técnico para o enriquecimento do estudo. Logo em seguida, iniciamos a construção do trabalho de conclusão de curso.

O desenvolvimento metodológico desta pesquisa é uma abordagem qualitativa, tendo o método indutivo. Tem como coleta de dados o questionário com professores da APAE e da Escola Dr. Vicente Maués, bem como a observação feita em sala de aula. E como análise dos dados, utilizou-se as respostas dos questionários entregues pelos professores.

Estaremos fundamentados teoricamente em diversos autores que analisam criticamente a realidade da criança com Síndrome de Down, principalmente, Schwartzman (1999) e Alves (2007); para tratar da prática docente Freire (1996) e Demo (2002); Campos (2006) e Kishimoto (2001) abordam a questão lúdica; para os procedimentos metodológicos e a análise dos dados Filho e Gamboa (2002), Marconi e Lakatos (2007), Ludke e André (1986), e outros que mostraram caminhos do conhecimento essenciais para esta pesquisa.

Desta forma, o presente trabalho está organizado em quatro capítulos: o primeiro capítulo “O lúdico como mediador da aprendizagem das crianças com necessidades educativas especiais” apresenta um breve histórico sobre o lúdico e o lúdico como mediador do ensino-aprendizagem. O segundo capítulo, “A aprendizagem das crianças com Síndrome de Down”, conceitua a Síndrome de Down e aborda a aprendizagem deste aluno, além da prática do professor e da psicomotricidade.

No terceiro capítulo, apresentam-se os procedimentos metodológicos da pesquisa e também se faz um olhar no que diz respeito ao contexto da Instituição APAE e da Escola Dr. Vicente Maués. Já no quarto capítulo, é feita a análise dos dados, aplicação do método, o questionário, como também a organização por temas, ressaltando a importância do lúdico no processo ensino-aprendizagem dos alunos Downs do turno vespertino da APAE e da Escola Dr. Vicente Maués.

A relevância deste trabalho será em apresentar um estudo crítico de uma temática ainda pouco explorada pelos alunos da academia e que auxilie os órgãos

educacionais a desenvolverem currículos para as instituições que possam assessorar no desenvolvimento de pessoas deficientes dando mais oportunidades, tanto cognitiva quanto socioeducativa.

1. O LÚDICO COMO MEDIADOR NA APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS.

Ao questionarmos o lúdico como mediador na aprendizagem, percebemos a necessidade de conhecer sua origem e seu significado, e por esse motivo é fundamental conhecermos o seu conceito assim como também seus principais autores. Evidentemente, torna-se necessário apreciarmos também como ele poderá ser mediador dessa aprendizagem, pois atualmente têm surgido belíssimos discursos sobre a inclusão de deficientes, entre eles o “Down”, em escolas regulares, mas, infelizmente tais discursos raramente apresentam metodologias a serem utilizadas pelos professores, ou seja, não se apresentam um caminho a ser seguido.

1.1 LÚDICO UM BREVE HISTÓRICO.

Inicialmente será realizado um breve histórico sobre o Botânico e Matemático Frederico Augusto Guilherme Froebel nascido na Alemanha, na Floresta da Turíngia em Oberweissbach, uma aldeia de Swartzburg-Rodulstadt., em 21 de abril de 1782, Froebel era de família evangélica, seu pai João Jacob Froebel era um pastor da antiga Igreja Luterana e não tinha tempo para as crianças. Órfão de mãe, Froebel foi criado pelos irmãos, pelos empregados e pela madrasta, mas viveu tendo por companheiros os bosques, as flores, o vento, os pássaros e os animais.

Dessa junção com a natureza surge sua instituição infantil “Kindergarten” ou, simplesmente, o mesmo que jardim de infância. Foi ele o primeiro a colocar o jogo como parte essencial do trabalho pedagógico. Sustentando que a repressão impede a ação estimuladora de atividades espontâneas, tais “jogos” facilitaram o desenvolvimento dos aspectos físicos, intelectuais e morais da criança. Froebel sustenta que a criança deveria ter atividades espontâneas em seu conteúdo, assim como a brincadeira, a música, o jogo, o faz de conta e a vivência cultural.

Ao enfatizarmos, conceituarmos e compararmos nosso entendimento sobre o jogo e o ser humano, cometemos quase sempre equívocos na tentativa de explicar o que é lúdico. O equívoco da simplificação e da fragmentação no estudo do elemento lúdico é o que nos levará a necessidade de um aprofundamento do seu significado.

No Dicionário (2001, p. 433), o termo é definido como: “lúdico é relativo a jogo, brincadeiras e divertimento”. A palavra se origina do latim (ludus) que significa jogo, a qual vem evoluindo em consideração às pesquisas realizadas na área da psicomotricidade, deixando de ter apenas sentido de jogo. Passando a fazer parte da atividade humana, sendo caracterizado por ser funcional, satisfatório e espontâneo.

Almeida (2006 s/p) ressalta:

A palavra ludicidade tem sua origem na palavra latina “ludus” que quer dizer “jogo”. Se achasse confirmada a sua origem, o termo lúdico estaria se referindo apenas ao jogo, ao brincar, ao movimento espontâneo, mas passou a ser reconhecido como traço essencialmente psicofisiológico, ou seja, uma necessidade básica da personalidade do corpo e da mente no comportamento humano, as implicações das necessidades lúdicas extrapolaram as demarcações do brincar espontâneo de modo que a definição deixou de ser o simples sinônimo de jogo.

Para a atividade lúdica não importa somente o resultado, mas a ação de propiciar momentos únicos de alegria, diversão, criatividade, socialização, comprometimento e responsabilidade com o aprender. Tal atividade não deve ser vista somente como diversão, mas como um momento de desenvolvimento do ser humano. A Educação Escolar é parte integrada da formação humana, o que nos leva a crer que é fundamental abordar por meio de discussões o tema proposto.

Desde a antiguidade as brincadeiras e os jogos ocupam lugar de destaque nas sociedades. Tiveram sua importância em especial na Antiga Grécia e em Roma, com mais destaque em Atenas, onde a poesia, música e o atletismo foram associados às atividades mentais educativas. Então Platão (427-348 a.c) opõe-se à violência destacando a importância do “aprender brincando”, sendo que a criança para ele deveria ocupar-se com jogos educativos desde os primeiros anos de vida.

Platão foi um defensor das atividades lúdicas com valor educativo. Para ele os problemas de cálculos deveriam ultrapassar as práticas aplicadas para atingirem um nível superior, ressaltando ainda que toda criança deveria estudar a matemática utilizando-se de jogos.

Já entre os maiores, os Egípcios e os Romanos defendem que os jogos deviam ser utilizados nas gerações jovens para que aprendessem com os mais velhos. Valorizando-se os conhecimentos, os padrões e as normas da vida social.

O jogo surge no século XVI como instrumento educativo na educação sistematizada como suporte de atividade didática tendo por objetivo a aquisição de conhecimentos e conquista de um espaço na Educação Infantil. A Companhia de Jesus foi o grande acontecimento desse século. Como descreve Santos *apud* Áries (2000, p.16), “os humanistas já haviam percebido o valor educativo dos jogos, tendo colégios jesuítas como os primeiros a pôr os jogos em prática”.

Mas, ao longo dos séculos XVII e XVIII se adotou uma atitude mais moderna em relação aos jogos. Porém, a partir daí um novo sentimento contraditório passa a coexistir. Para Áries (1978, p.16), passam-se a se ter dois lados, dois sentidos opostos: de um lado, a preocupação de preservar a moralidade e a educação, já que os jogos eram desconhecidos até aquele momento; de outro, proibi-los se considerados ruins. Mas é ao fim do século XIX, que o jogo cientificamente passa a ser alvo de estudo dos psicólogos, psicanalistas e de pedagogos em geral.

O século XX foi caracterizado pelos diferentes envolvimento do homem com os diversos tipos de sociedades existentes, Santos (2000, p.23) descreve:

[...]. Nesta perspectiva surge também, neste final de século, mais uma caracterização: *homo sportivus*. Este deve ser entendido como aquele que, sob qualquer pretexto ou por qualquer propósito, incorporou algum tipo de atividade física ao seu *modus vivendi*. [...].

No Brasil, termos como jogos, brincadeiras e brinquedos são empregados de forma indistinta (mal definida), tendo-se um nível baixo de conceito sobre o assunto. Ainda no Brasil, no século XX, mais precisamente na década de oitenta, era possível presenciarmos a maioria das crianças em frente as suas casas brincando de roda, de pega-pega, boca de forno entre outras brincadeiras; foi também o século do desenvolvimento tecnológico e industrial, além de ser de grandes mudanças para a sociedade.

A criança tem direito ao brincar e deve desfrutar plenamente dos jogos e brincadeiras, os quais deverão estar dirigidos para a educação da mesma.

Consequentemente, as crianças aprendem através do brincar: admirável instrumento para promover a educação, o jogo é um artifício que a natureza encontrou para envolver a criança numa atividade útil ao seu desenvolvimento físico e mental. “a criança que joga acaba desenvolvendo suas percepções, sua inteligência, suas tendências à experimentação, seus instrumentos sociais”. (PIAGET, 1972, p.156).

Dessa forma a criança tem direito ao brincar o que deve ser respeitado e posto em prática. Com base no artigo 17 do Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069, de 13 de junho de 1990):

O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais.
(ECA, 2004, p.14).

As mudanças foram muitas e ainda respingam no século atual (XXI), principalmente no que diz respeito ao comportamento lúdico das crianças, pois a maioria delas não conhecem os jogos e brincadeiras antigas. Além disso, não brincam com total liberdade como antes, pois, tem medo da marginalização do dia-a-dia permanecendo trancadas em casa somente com o computador ou na escola com os jogos industrializados. Acabam tendo conhecimento da cultura de seus pais e avós somente de maneira teórica, pois não lhes é dada a oportunidade de vivenciá-las na prática. Na área da cultura, o lúdico aparece com muita frequência no "resgate das brincadeiras tradicionais".

Contudo, pode-se observar que deste a antiguidade o lúdico já era utilizado de maneira que a poesia, a música e o atletismo fossem associados às atividades mentais educativas. Para Frederico Augusto Guilherme Froebel, o percurso de evolução do termo "Jardim de Infância", nos apresentará o jogo como parte essencial do trabalho pedagógico e, através disto, discutiremos o lúdico como mediador da aprendizagem.

1.2 O LÚDICO COMO MEDIADOR DA APRENDIZAGEM.

Recentemente, a educação no Brasil passou por reformulações devido à promulgação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/1996), junto com as propostas dos PCN's e também a divulgação das Diretrizes Curriculares Nacionais. Precisamente na década de 90, quando todas as escolas, de norte a sul do Brasil, discutiram o referido assunto.

Uma lei não se destina a estabelecer novos paradigmas acadêmicos e científicos, mas, refletindo a realidade histórica, deve incluir o ritmo dos tempos. Nesse particular, a LDB favorece grandes avanços, por que – seguindo também progressos notáveis nas teorias e práticas da aprendizagem – trata o professor como o eixo central da qualidade da educação. Modernas teorias da aprendizagem conseguiram estabelecer alguns parâmetros de seu processo constitutivo e evolutivo.
(DEMO, 2002, p. 45)

Alguns educadores concordaram com tais diretrizes, outros não. O mais importante foi a inclusão de outras posições às possibilidades dos discursos acerca de um novo pensamento pedagógico, para que assim se busque melhorar a prática profissional.

Para Freire (1996, p. 68), “Como professor preciso me mover com clareza na minha prática. Preciso conhecer as diferentes dimensões que caracterizam a essência da prática, o que pode me tornar mais seguro no meu próprio desempenho”. O Docente necessita ter segurança em seu profissionalismo, em si mesmo, para então desempenhar um bom trabalho com seus alunos.

1.2.1 O Professor.

O professor, através de sua prática, é o responsável, assim como a família, de propiciar as condições para que o educando assumisse enquanto sujeito e, para isso ele precisa aguçar a sua curiosidade, como nos afirma Freire (1996, p. 85), “Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino. Exercer a minha curiosidade de forma correta é um direito que tenho à curiosidade”.

O professor em sua maioria utiliza-se da homogeneidade para trabalhar com os alunos, os mesmos definem os alunos como matéria-prima a serem lapidados para a vida social. Como enfatiza Daolio (2004, p. 83) “É interessante observar como os professores desconsideram o repertório corporal que as crianças possuem antes de entrar na escola”. Toda criança traz para dentro da escola conhecimentos, e o professor ao não respeitar esse conhecimento acaba por prejudicar o aluno.

Freire (1996, p.122 e 123), define que:

[...] o professor pode golpeá-lo, impor-lhe desgostos e prejudicá-lo no processo de sua aprendizagem. [...]. Respeitar a leitura de mundo, do educando não é também um jogo tático com que o educador ou educadora procura tornar-se simpático ao educando. É a maneira correta que tem o educador de, com o educando e não sobre ele, tentar a superação de uma maneira mais ingênua por outra mais crítica de inteligir o mundo. Respeitar a leitura de mundo do educando significa tomá-lo como ponto de partida para compreensão do papel da curiosidade, de modo geral, e da humana, de modo especial, como uns dos impulsos fundantes da produção do conhecimento.

O educador deve oportunizar o aluno a se expressar seja por meio da fala seja por meio de movimentos involuntários, esse precisará, para uma boa relação, estabelecer confiança com seu educando.

Abreu, Oliveira e Leitão (2009, p.140) dizem que “Cabe aos professores não silenciar e não permitir que a criança também silencie. É preciso ouvi-la, estabelecer o diálogo com ela; oferecer-lhe novas possibilidades para essa interação por meio de atividades lúdicas. [...]”. Mas para que isso ocorra o professor precisa oportunizar-se a novas qualificações.

E a formação continuada é uma excelente maneira de preparar o professor para a troca de conhecimentos com o aluno, como o próprio Freire (1996, p.23) nos enfatiza: “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação a coloca como fundamental para todos os profissionais, em seu Artigo 62, inciso III descreve:

[...] “programas de educação continuada para os profissionais de educação dos diversos níveis”, assegurando o direito de estudar como já apontávamos. Provavelmente, no futuro, tais programas continuados serão mais estratégicos para a qualidade da educação do que a própria formação original. Ninguém mais que o educador, para manter-se profissional, precisa todo o dia estudar. (LDB, 2002, p.52).

O professor, com uma boa formação, conseguirá atingir seus objetivos em sala de aula, realizará um conjunto de operações didáticas, direcionará o ensino e a aprendizagem e proporcionará a realização do ensino e da aprendizagem do aluno de maneira prazerosa.

Como professor, se minha opção é progressista e venho sendo coerente com ela, se não me posso permitir a ingenuidade de pensar-me igual ao educando, de desconhecer a especificidade da tarefa do professor, não posso, por outro lado negar que o papel

fundamental é contribuir positivamente para que o educando vá sendo o artífice de sua formação com a ajuda necessária do educador.
(FREIRE, 1996, p. 70).

Veiga (s/d) caracteriza que a formação do professor é fundamental para a boa aprendizagem do aluno, se o educador é valorizado através do aperfeiçoamento profissional, como a formação continuada que é direito de todos os profissionais, irá melhorar sua prática possibilitando uma qualificação e competência, satisfazendo as exigências do dia-a-dia e tendo um bom desenvolvimento profissional.

E através desta formação o professor adquirirá um maior conhecimento sobre o lúdico, mas não como um jogo de recompensa que premia e consola, mas como algo que desperta o interesse e a curiosidade do aluno, provocando-lhe para o aprendizado.

Pois, ainda há muitos professores extremamente presos ao tradicionalismo que utilizam as mesmas metodologias de anos passados. Abreu, Oliveira e Leitão (2009, p.138) afirmam que “A maioria ainda está muito presa à pedagogia tradicional e concebem o brincar como perda de tempo e desconsiderando-a como atividade própria da educação de crianças pequenas”.

Tal atitude é mais evidente no ensino fundamental onde as salas de aulas são totalmente sem vida, principalmente na escola pública que em sua maioria são riscadas, quebradas, sem brilho, sem cor, se tornando um ambiente desagradável para o aluno e até mesmo para o professor.

[...]: como uma escola que não tem vida, pode trabalhar com vidas? Como uma escola pode não ter brilho, não ter cor? É inevitável a importância de uma escola alegre, bonita, colorida, onde haja música, poesia, sonhos, brinquedos e brincadeiras.
(ABREU, OLIVEIRA; LEITÃO, 2009, p.138)

Logo, ao trabalhar com metodologias inovadoras a professora se deparará com o lúdico incluso em sua prática pedagógica, sendo um mediador para a aprendizagem do aluno como será destacado a seguir.

1.2.2 O lúdico como mediador.

Mesmo algumas escolas ainda mantendo-se com a ideia de que a aprendizagem só é caracterizada através do acúmulo de conteúdos repassados de

forma aleatória para as crianças, utilizando-se de métodos e técnicas duvidosas, o lúdico, na maioria das vezes, não está inserido no contexto educacional. Sendo que a escola deveria ser o lugar de alegria, de lazer e de prazer, mas o que vemos é que a mesma está carregada de sofrimento para a criança, pois os momentos de prazer não estão na sala de aula, mas tão somente na recreação, onde se relacionam e brincam umas com as outras.

Portanto, o jogo na escola trará benefícios a todas as crianças, desenvolvendo o corpo e a mente. Almeida (2006) caracteriza que na atividade lúdica o que importa é a ação e não o resultado da mesma, que o importante é o momento de fantasia, transformados em realidade, a percepção de conhecimento, havendo o surgimento da afetividade, das paixões, do emocional, porém trará à tona o medo, a alegria e o interesse, sendo os mesmos transitórios neste momento.

Surgindo assim uma ação educativa, exigindo do educador uma atenção mais profunda a querer conhecer e conviver mais com o aluno, tendo um envolvimento afetivamente maior com o mesmo, e também um desenvolvimento significativo e um envolvimento do cognitivo e da criatividade do aluno.

A atividade lúdica é o berço obrigatório das atividades intelectuais da criança, sendo por isso, indispensável à prática educativa. É, pelo fato de o jogo ser um meio tão poderoso para a aprendizagem das crianças que em todo lugar onde se consegue transformar em jogo a iniciação à leitura, ao cálculo, ou à ortografia, observa-se que as crianças se apaixonam por essas ocupações, geralmente tidas como marcantes.

(AGUIAR, 1988, p. 37).

O lúdico vem se contrapor aos valores da sociedade, ultrapassando a própria realidade. O clima de repressão a que são submetidas às crianças, não as intimidam, pois sempre acabam fazendo o que gostam durante o brincar.

Bomtempo (*apud* PIAGET 2005, p.59), descreve que “quando brinca, a criança assimila o mundo a sua maneira, sem compromisso com a realidade, pois sua interação com o objeto não depende da natureza do objeto, mas da função que a criança lhe atribui”. Para a autora, as crianças atribuem símbolos involuntários aos objetos com o único objetivo de divertir-se.

O lúdico é uma ferramenta fundamental para o professor, pois o brincar implica na facilitação da aprendizagem como motivação para a curiosidade, a descoberta e a satisfação pelos resultados alcançados, pois não existe qualquer

outro recurso que possa proporcionar a integração de todos esses elementos e que envolvam a afetividade.

O jogo e o brincar são atos indispensáveis na vida do ser humano e a sua saúde emocional, física e mental. É através deles que a criança desenvolve sua linguagem, seu pensamento, sua iniciativa, sua autoestima e sua socialização, tornando um ser capaz de enfrentar barreiras, desafios e a participar da construção de um mundo igualitário.

O jogo em suas diferentes formas pode auxiliar no processo de ensino-aprendizagem, no desenvolvimento psicomotor, ou seja, no desenvolvimento da motricidade ampla ou fina da criança, como também, na habilidade de pensamento, na imaginação, na criatividade, na interpretação e na organização de dados.

Maurício (*apud* PIAGET, 1967) diz que: “o jogo não pode ser visto apenas como divertimento ou brincadeira para desgastar energia, pois ele favorece o desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo e moral”. Ou seja, as crianças desde pequenas aprendem a ter noções de espaço e tempo, chegando à representação e à lógica do jogo. Dessa forma, a criança fica motivada a usar sua inteligência, sendo que além de querer jogar melhor que o outro, superará seus obstáculos tanto na área cognitiva como na área emocional.

Kishimoto, (2001, p.83) aqui descreve:

Ao permitir a manifestação do imaginário infantil, por meio de objetos simbólicos intencionalmente, a função pedagógica subsidia o desenvolvimento integral da criança. Neste sentido, qualquer jogo empregado na escola, desde que respeite a natureza do ato lúdico, apresenta caráter educativo e pode receber também a denominação geral de jogo educativo.

Segundo Campos (2006), o jogo é uma das atividades mais importantes da infância de uma criança, pois ela necessita jogar, brincar, inventar e criar coisas novas para manter-se em equilíbrio com o mundo. A importância da utilização dos jogos, brinquedos e brincadeiras na prática pedagógica é uma realidade, hoje, imposta ao professor. Descreve ainda que, os brinquedos não devem ser utilizados somente como forma de lazer, mas como elementos de uma fonte enriquecedora a promover a aprendizagem do indivíduo.

Sendo que o educando apoia-se nos jogos e brincadeiras para superação de suas dificuldades de aprendizagem, buscando um melhor relacionamento com o mundo. E os professores devem estar cientes que o jogo, o brinquedo e a

brincadeira, fazem-se necessários e os mesmos contribuem de forma sucinta para o desenvolvimento do aprender e do pensar da criança. Para Rocha (2000, p. 48) “Ao professor cabe organizar o brincar e, para isso, é necessário que ele conheça suas particularidades, seus elementos estruturais, as primícias necessárias para seu surgimento e desenvolvimento”.

Segundo Tezani (2004) o jogo não deve ser visto simplesmente como um “passa tempo”, para distrair os discentes, mas como ponte facilitadora da aprendizagem dos mesmos além de sua extraordinária importância na educação escolar. Portanto, é através dele que o indivíduo observa e conhece as pessoas e as coisas que circulam ao seu redor. Ele se faz essencial para que a criança manifeste sua criatividade, sua potencialidade. Pois, sendo criativa é que a criança descobrirá o seu interior (seu eu).

Campos (1986, p.12) ressalta que “a ludicidade poderia ser a ponte facilitadora da aprendizagem se o professor pudesse pensar e questionar-se sobre sua forma de ensinar, relacionando a utilização do lúdico como fator motivante de qualquer tipo de aula”. Para o autor, o educador inicialmente precisa apostar nas suas possibilidades de integração, descoberta, encontro consigo mesmo e com os outros, para então pôr em prática o lúdico, em um jogo pedagógico intencional que desperte e provoque o interesse do aluno e, claro, possibilite a aprendizagem.

Para Nunes (2006), o que separa jogo pedagógico de outro elemento de caráter apenas lúdico é que se desenvolve o jogo pedagógico intencionalmente para instigar a aprendizagem e estimular a construção do novo conhecimento, devendo-se despertar para o desenvolvimento de habilidades operatórias, desenvolvendo a capacidade cognitiva que possibilitará a compreensão do indivíduo tanto nos fenômenos culturais, quanto sociais, possibilitando-o a construir conexões entre estes fenômenos.

Partindo da consideração de que as atividades lúdicas podem contribuir para o desenvolvimento intelectual da criança, Platão ensinava matemática às crianças em forma de jogo e preconizava que os primeiros anos da criança deveriam ser ocupados por jogos educativos.

(AGUIAR, 1998, p. 36).

A educação lúdica possibilita os trabalhos em grupo, apesar da competitividade que algumas atividades trazem no seu bojo, esses estimulam a agregação e o pensar compartilhado. É na escola que os indivíduos aprendem, entre

outras coisas, que as necessidades individuais estão subordinadas a interesses do grupo. A escola civiliza e socializa. A sala de aula destina-se a domar o ego, a ligar os indivíduos a outros, a demonstrar o valor e a necessidade da coesão do grupo.

Desta forma o brinquedo deixa de ser um simples brinquedo de distração para se tornar um material pedagógico de aprendizagem.

Kishimoto (1994, p. 83) enfatiza,

Se brinquedos são suporte de brincadeiras, sua utilização deveria criar momentos lúdicos de livre exploração, nos quais prevalecem a incerteza do ato e não se busca resultados. Porém, se os mesmos objetos servem como auxiliar da ação docente, buscam-se resultados em relação à aprendizagem de conceitos e noções ou mesmo, ao desenvolvimento de algumas habilidades. Neste caso, o objeto conhecido como brinquedo não realiza sua função lúdica, deixa de ser brinquedo para torna-se material pedagógico.

Seja visto que há uma variação de matérias pedagógicas em circulação: brincadeiras, jogos, filmes, músicas, revistas e livros, imagens e propagandas que podem ser inseridas em metodologias a serem trabalhadas em sala de aula através da ludicidade.

Os brinquedos cantados são matérias que podem ser usados pelos professores, como:

✓ O jacaré possibilitará o movimento do corpo, do raciocínio, da linguagem, da motricidade fundamentais para o desenvolvimento da criança com Síndrome de Down, e a identificação de seu corpo;

✓ O Macaco na Roda que possibilitará ao aluno identificar os numerais, desenvolver sua linguagem e sua motricidade;

✓ Mexer o corpo ajudará o aluno Down, assim como os demais, a identificarem as partes do corpo, os órgãos do sentido, além de desenvolverem sua linguagem, sua cognição, seu raciocínio e sua motricidade.

Os brinquedos cantados são universais e fazem parte da cultura espontânea logo, devem fazer parte também da aprendizagem. Abreu, Oliveira e Leitão (2009, p.72) descrevem que:

As brincadeiras cantadas fundem musicalidade, dança, dramatização, mímica e jogos. Seu objetivo é auxiliar no desenvolvimento da coordenação sensório-motor, educar o senso rítmico, favorecer a socialização, estimular o gosto pela música e pelo movimento; perpetuar tradições folclóricas e incentivar o civismo, favorecer o contato sadio entre indivíduos de ambos os

sexos, trabalhar as emoções: timidez, agressividade, prepotência; incentivar a auto-expressão e a criatividade.

Sendo o lúdico uma manifestação no lazer, este pode representar não apenas um recurso útil de obtenção de conhecimentos próprios da cultura, mas principalmente o elemento capaz de incitar, nas pessoas, um espírito crítico a partir do conhecimento de sua realidade para vivenciar e assumir um sentimento de transformação social, enquanto sujeito que não apenas vive, mas também questiona, inova, constrói e também participa do processo sócio-cultural, não estando subordinado ao mesmo.

Faz-se então, relevante o resgate do valor peculiar ao lúdico para um processo educacional que vise não moldar, mas oportunizar a construção e a vivência da cidadania, a capacidade de se indignar e, mais do que nunca se engajar na sociedade de maneira crítica e atuante na sociedade a qual faz parte.

Portanto, a ludicidade deve ser inserida como mediadora no processo de ensino-aprendizagem das escolas, e a mesma deve fazer esse resgate, transformando o brincar, a alegria, a criatividade e o prazer em produtos obrigatórios e auxiliares na formação humana e na aprendizagem diária dos pequenos, somente através do lúdico podemos resgatar nossa humanidade, despertando a criança que existe em cada indivíduo.

2. A APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN.

A criança em si já necessita de cuidados e atenção para que ocorra a sua aprendizagem, logo, a criança com Síndrome de Down necessita desses cuidados em dobro, pois a sua genética já apresenta limitações para seu aprendizado, limitações estas que podem ser diminuídas com estímulos.

Não se nega a afirmação de que o Down apresenta algumas limitações e até mesmo precise de condições especiais para a aprendizagem, mas através de estimulações adequadas podem se desenvolver. E o lúdico se mostra como um excelente auxiliar para essa aprendizagem, se trabalhado de forma correta pela escola e pelos educadores.

2.1-CONCEITUANDO A SÍNDROME DE DOWN.

A Deficiência Mental (DM), na Idade Média, foi conhecida como fenômeno metafísico e espiritual, isto com a influência da Igreja, sendo que à deficiência era atribuído um caráter “demoníaco” ou “divino”, o que de certa forma iria conduzir como modo de tratamento dessas pessoas deficientes. Com o auxílio da Igreja Cristã, os deficientes passaram a ser vistos como indivíduos possuidores de almas, portanto, eram filhos de Deus. Dessa forma, não seriam mais jogados a sua própria sorte, mas eram acolhidos pelas instituições criadas pelos cristãos.

Mesmo assim, os deficientes continuavam sendo vistos como pessoas maléficas, pois se dizia que eram produtos da união entre a mulher e o demônio, por isso é que deveriam ser queimados tanto a criança, quanto a mãe. Aranha (1995, s/p) descreve que “Além dessa prática, usava-se também outras mais ‘amenas’ como punições, torturas e diversos tipos de maus-tratos no lidar com essas pessoas”.

Ao final do século XV, a deficiência mental era vista como um problema médico e não mais como uma questão espiritual. Já nos séculos XVII e XVIII, ampliaram-se as pesquisas a respeito da deficiência mental nas diversas áreas de conhecimento, o que veio a favorecer a institucionalização ao ensino especial.

No século XIX, as necessidades dos deficientes passaram a ser de ordem pública. Enquanto que no século XX, houve explicações frente à deficiência mental,

prevalecendo vários modelos explicativos: como o metafísico, o médico, o educacional e o social.

Atualmente o que se percebe em observações do dia a dia é que a pessoa deficiente mental é tratada como um “problema” sócio construtivista ou sócio-histórico, ou seja, são pessoas consideradas improdutivas e que possuem um desvio intelectual (aprendizagem), sendo ainda desvalorizadas em nossa sociedade.

Mas no século XIX, período o qual a Síndrome de Down (SD), foi conhecida pela primeira vez através do médico inglês chamado John Langdon Down em 1866, o qual “catalogava” todos os indivíduos com essa síndrome, numa espécie de sub-raça humana, a raça “mongoloide”. E por ter sido o precursor dos estudos sobre tal Síndrome, a mesma recebeu o seu nome.

A Síndrome de Down também conhecida como mongolismo ou trissomia 21 ocorre através de uma alteração genética durante ou imediatamente após a concepção do feto. Essa alteração genética é caracterizada pela presença a mais do autossomo 21, ao invés da criança apresentar dois cromossomos 21, ela passa a apresentar três. Para essa alteração damos o nome de trissomia simples.

Podemos encontrar várias alterações genéticas que podem causar esta Síndrome, as mesmas são decorrentes da translocação pela qual o autossomo 21 funde-se a outro autossomo. Este erro genético pode ocorrer também pela variação de células trissômicas presentes ao lado de células citogeneticamente normais. São dois tipos de alterações genéticas poucas frequentes, que a trissomia simples.

As alterações genéticas já citadas ocorrem do que chamamos de “desvio”, em um dos gametas, que formará o indivíduo. E deveria conter apenas um cromossomo, sendo que a união do gameta materno com o gameta paterno irá gerar um filho com dois cromossomos como acontece normalmente. Mas se durante a formação dos gametas houver alterações e através das mesmas não acontecer a não disjunção dos cromossomos, o que acontece geralmente durante o processo de reprodução, então pode haver gametas com cromossomos duplos, e ao se unirem a outro pela fecundação, acontecerá uma alteração cromossômica e nascerá uma criança com Síndrome de Down, ou seja, com três cromossomos.

ALVES (2007, p.16) descreve:

Síndrome de Down, também conhecida como Mongolismo ou Trissomia 21, geneticamente doença localizada no cérebro, encefalopatia, não é progressiva, possui tendência para melhoras espontâneas, pois seu Sistema Nervoso Central (SNC) continua a

amadurecer com o tempo. É uma disfunção cromossômica e uma deficiência mental congênita mais comum e geralmente pode ser diagnosticada ao nascimento ou logo depois por suas características, que variam entre os portadores, mas difere pelo seu genótipo.

Um dos principais fatores de risco para que ocorra a Síndrome é a idade da mulher, já que em idade avançada os seus óvulos envelhecem se tornando mais predispostos a alterações. As gestações de mulheres com uma idade avançada se tornam de risco para a vida tanto da criança quanto na mãe.

As alterações genéticas influenciaram em todo o desenvolvimento e maturação do organismo do indivíduo, alteraram ainda a sua cognição. Isso além de dar-lhes outras características. Mas o indivíduo Down é uma pessoa calma, afetiva, bem humorada e com prejuízos intelectuais, no entanto pode apresentar grandes variações em seu comportamento. Sua personalidade varia de indivíduo para indivíduo, os quais podem apresentar distúrbios comportamentais como desordens de conduta ou seu comportamento pode variar devido seu potencial genético e características culturais, as quais serão relevantes no seu comportamento.

Segundo Schwartzman (1999) a Síndrome de Down é marcada por muitas alterações associadas que são observadas em muitos casos. As principais alterações orgânicas que acompanham a síndrome são: cardiopatias, prega palmar única, baixa estatura, atrasia duodenal, bexiga pequena e hiperecongenica, comprimento reduzido do fêmur e úmero, ventriculomegalia cerebral, hidronefrose e dismorfismo da face e ombros.

Outras alterações como broquicefalia, fissuras palpebrais, pescoço curto, hipoplasia da região mediana da face, diâmetro frontal – occipital reduzido, língua protusa e hipotônica e distância aumentada entre o primeiro e o segundo dedo dos pés, crânio achatado, mais largo e comprido, narinas normalmente arrebitadas por falta de desenvolvimento dos ossos nasais, mãos curtas, quinto dedo da mão muito curto, curvado para dentro e formado com apenas uma articulação, ouvido simplificado, lóbulo auricular aderente e coração anormal.

Quanto às alterações fisiológicas podemos observar que nos primeiros dias de vida da criança Down há uma grande sonolência, dificuldade de despertar, dificuldades de realizar sucção e deglutição, porém estas alterações vão se atenuando ao longo do tempo, à medida que a criança fica mais velha e se torna mais alerta.

As alterações fisiológicas também se tornam visíveis através do retardo no desaparecimento de alguns reflexos como o de preensão de marcha e de moro.

Este atraso na dissipação destes reflexos é patológico e resulta no retardamento das aquisições motoras e cognitivas deste período já que muitas atividades dependem desta inibição reflexa para se desenvolver como reflexo de moro, que é substituído pela marcha voluntária.

Sendo que a Síndrome de Down apresenta anormalidades estruturais e funcionais no sistema nervoso da criança, as quais resultam em disfunções neurológicas variando quanto à manifestação e intensidade.

Para Schwartzman (1999), as medidas de inteligência geral e as habilidades linguísticas normalmente encontram-se alteradas e então não possuem padrão definido, além da falta de relacionamento com o volume encefálico, podendo apresentar diversos níveis intelectuais. Também se observa no sistema nervoso do paciente Down alterações de hipocampo e a partir do quinto mês de vida, quando se inicia o processo de desaceleração do crescimento e desenvolvimento do sistema nervoso, ocorre uma diminuição da população neuronal.

Como já foi discutido, o desenvolvimento da criança com Síndrome Down é determinado por algumas alterações tanto estruturais quanto funcionais do sistema nervoso e as características mais marcantes são os distúrbios de aprendizagem e de desenvolvimento cognitivo.

Segundo Ferreira (2001, p. 205), “a deficiência significa falta, carência ou insuficiência”. Assim podemos entender por deficiência mental a insuficiência funcional das funções neurológicas. O cérebro da criança Down não atingiu seu pleno desenvolvimento e assim todas suas funções estão alteradas.

Para Piaget (1994), os indivíduos nascem apenas com potencialidades (capacidade inata), capacidades de aprender. Assim, todo conhecimento e todo desenvolvimento da criança depende de exposição ao meio e dos estímulos advindos deste. Ele aborda ainda que a base do conhecimento é a transferência e assimilação de “estruturas”. Assim, um conhecimento, um estímulo do meio, é encarado como uma estrutura que será “assimilada” pelo indivíduo através de sua capacidade de aprender.

Piaget ressalta ainda que a aprendizagem é realizada com sucesso se capacidades de assimilação, reorganização e acomodação estiverem íntegras, assim vão se dando as aquisições ao longo do tempo. Estes três processos acontecem para que um indivíduo esteja sempre adquirindo novas informações, assim quando se deparar com um dado novo, para a internalização do mesmo, o indivíduo reorganizará as aquisições já adquiridas, para acomodar os novos

conhecimentos, sendo que por este processo, a linguagem e a cognição se desenvolverão.

Percebe-se que através de leitura a criança deficiente possui algumas dificuldades de aprendizagem, sendo na maioria dos casos, dificuldades generalizadas, afetando todas as capacidades como: linguagem, autonomia, motricidade e integração social. As quais se manifestam em maior ou menor grau.

O fato de a criança não ter desenvolvido uma habilidade ou demonstrar conduta imatura em determinada idade, comparativamente à outra com idêntica condição genética, não significa impedimento para adquiri-la mais tarde, pois é possível que madure lentamente.
(SCHWARTZMAN, 1999, p.246 e 247).

O autor afirma ainda que entre outras deficiências que acarretam repercussão sobre o desenvolvimento neurológico da criança com Síndrome de Down, podemos determinar dificuldades na tomada de decisões e iniciação de uma ação, na elaboração do pensamento abstrato, no cálculo, na seleção e eliminação de determinadas fontes informativas, no bloqueio das funções perceptivas (atenção e percepção), nas funções motoras e alterações da emoção e do afeto.

Fazendo a leitura, percebe-se que a criança Down tem possibilidades de desenvolver e executar atividades diárias e até mesmo adquirir formações profissionais, devido sua evolução tanto na linguagem quanto na leitura e escrita às quais podem se desenvolver a partir das experiências da própria criança.

Já do ponto de vista motor, as hipocinesias associada à falta de iniciativa e espontaneidade ou as hipercinesias e desinibição são frequentes. E estes padrões débeis também interferem na aprendizagem, pois o desenvolvimento psicomotor é a base da aprendizagem. Sendo que a educação especial é uma modalidade de ensino, que visa promover o desenvolvimento global do aluno com necessidades especiais, que necessitam de atendimento especializado, respeitando as diferenças individuais, para assegurar o pequeno exercício dos direitos básicos de cidadão, afetividade e integração social.

No ponto seguinte apostaremos em discutir de maneira precisa a educação da criança com Síndrome de Down. Abordando como o país, a escola e o educador trabalha essa criança.

2.2 - APRENDIZAGEM DO ALUNO COM SÍNDROME DE DOWN.

Os atendimentos específicos às crianças na Educação Especial se fortalecem ao longo da história da infância, pois vem se modificando graças às observações de princípios favoráveis ao exercício da cidadania, respeitando-se os princípios da dignidade e dos direitos das crianças sejam individuais e sociais sejam econômicos. Assim como o direito da mesma ao brincar, favorecendo sua forma de expressão e acesso aos bens sócio culturais possibilitando interação social, garantindo sua identidade.

Com a expansão da Educação Especial no Brasil, podem-se constatar algumas mudanças nas concepções de infância, na organização e estruturação de sistemas e instituições de ensino, as quais tomam consciência da importância de se conhecer melhor a infância e dar mais ênfase aos processos que envolvam o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, especialmente aquelas que apresentam dificuldades especiais, como as crianças com necessidades educativas especiais.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/90) destaca, a partir da década de 90, os direitos da criança e seu atendimento específico. Em seu artigo 53 (2004, p.21) assegura “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola”. Ou seja, a escola deverá garantir a permanência de seu aluno especial assim como de qualquer outra criança.

Sendo que a educação especial é uma modalidade de ensino, a qual se destina a educandos com necessidades educativas especiais no campo da aprendizagem, vindas de deficiência sensorial, física, múltiplas ou mentais, quer sejam com características de superdotação, quer sejam com talentos ou altas habilidades. A mesma passa a ser valorizada, e o Estado têm por dever garantir os direitos dos deficientes. Como estabelece a Constituição Federal, pois fica especificado direito comum a todas as pessoas o direito a frequentar as escolas “regulares” como os demais.

Fávero; Pantoja; Mantoan (2007, p.25) enfatizam:

Portanto, a constituição garante a todos o direito à educação e ao acesso à escola. Toda escola, assim reconhecida pelos órgãos oficiais como tal, deve atender após princípios constitucionais, não podendo excluir nenhuma pessoa em razão de sua origem, raça, sexo, cor, idade, deficiência ou ausência dela.

Este direito não está garantido somente constitucionalmente, mas também na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), nº 9.394/1996, em seu art. 58 (1997, p.133) “define a educação especial como uma modalidade da educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino”. A qual deve decorrer como complemento em todos os níveis do ensino básico e avançado.

A tendência atual é que o trabalho da Educação Especial garanta a todos os alunos com deficiência o acesso à escola comum, removendo barreiras que impedem a frequência desses alunos às turmas comum de ensino regular. [...]. Essa modalidade deve disponibilizar um conjunto de recursos educacionais e de estratégias de apoio aos alunos com deficiência, proporcionando-lhes diferentes alternativas de atendimento, de acordo com as necessidades de cada um.

(Fávero; Pantoja; Mantoan, 2007, p.28 e 29).

Para o autor, devem-se assegurar para as crianças que apresente alguma deficiência os direitos básicos de cidadão e sua integração social.

A criança com Síndrome de Down tem seus direitos assegurados como outros deficientes. Sabemos que a mesma, assim como os demais deficientes, apresenta dificuldades e limitações, logo, sua aprendizagem deve ter prioridade, o educador necessita respeitar seu ritmo e propiciar sua estimulação.

É evidente que sozinho o professor não irá desenvolver um trabalho de qualidade, pois, por mais boa vontade que ele tenha, necessita de materiais e estratégias para desempenhar um bom trabalho com seu aluno especial. O currículo é de imediato uma dessas estratégias, uma vez que é nele que o professor apoia-se para desenvolver suas atividades em sala de aula. E a escola por sua vez deve apresentar ao educador as ferramentas fundamentais para que o mesmo responda a necessidade de seu aluno.

Segundo a Declaração de Salamanca (1994) as escolas inclusivas têm por dever reconhecer e responder às diferentes necessidades de seus alunos, habituarem-se ambos os estilos e ritmos de aprendizagem, assegurando uma educação de qualidade a todos através de um currículo apropriado, arranjos organizacionais, estratégias de ensino, que usam de recurso e parceria com as comunidades. Ou seja, o currículo deve se adaptar às necessidades das crianças e não vice-versa.

As crianças com necessidades especiais deveriam receber apoio instrucional adicional no contexto do currículo, e não de um currículo diferente. Se o desejo é de incluir, a educação deve ser de maneira igualitária para todos, porém, respeitando a individualidade de cada um. O aluno com Síndrome de Down por apresentar limitações motoras, cognitivas, perceptivas, entre outras, necessita que o professor utilize de atividades que trabalhe a sua afetividade, o seu cognitivo e a sua psicomotricidade.

O professor especializado deve valorizar as reações afetivas de seus alunos e estar atento a seu comportamento, para requerer recursos mais sofisticados como a revisão médica ou psicológica. E deve também considerar o aluno como uma pessoa inteligente, que têm vontades e afetividades e estas precisam ser respeitadas, pois o aluno não é apenas um ser que aprende, mas que também ensina. Freire (2007, p.29) “A criatividade depende da afetividade e do respeito”. Fazem parte do domínio afetivo os sentimentos e emoções.

A escola é encarregada de supervisionar as crianças excepcionais e assegurá-las quanto à aprendizagem. E a afetividade é necessária para que aconteça a integração destas crianças. Freire (2000, p.13) descreve que “No que tange às emoções, reafirma a amorosidade e a afetividade, como fatores básicos da vida humana e da Educação”.

Tanto quanto a afetividade o cognitivo da criança Down deve ser trabalhado de maneira apropriada. Fazem parte do domínio cognitivo operações mentais como a descoberta ou reconhecimento de informação. O atendimento a criança com síndrome de Down deve ocorrer de forma gradual, pois estas crianças não conseguem absorver grande número de informações. Também não devem ser apresentadas informações isoladas ou mecânicas, de forma que a aprendizagem deve ocorrer de forma facilitada, através de momentos prazerosos.

O domínio motor, do qual faz parte os movimentos, em muitos estudos é mencionado como domínio psicomotor, em função do grande envolvimento do aspecto mental ou cognitivo na maioria dos movimentos.

Considera-se, portanto que o indivíduo é um ser físico, social e afetivo vivendo em constante transformação, o qual está sempre em troca com o meio, modificando-o ou deixando-se modificar. Entretanto, a psicomotricidade tem por objetivo fazer do indivíduo um ser comunicativo, criativo e pensante, utilizando-se de seu corpo através dos gestos para se comunicar.

A Educação psicomotora deve ser considerada como uma educação de base na escola primária. Ela condiciona todos os aprendizados pré-escolares; leva a criança a tomar consciência de seu corpo, da lateralidade, a situa-se no espaço, a dominar o tempo, a adquirir habilmente a coordenação de seus gestos e movimentos. A educação psicomotora deve ser praticada desde a mais tenra idade; conduzida com perseverança, permite prevenir inadaptações, difíceis de corrigir quando já estruturadas. (Ferronato, *apud* BOULH, 2006, p.52).

O desenvolvimento psicomotor é a base da aprendizagem. Sendo que a educação especial é uma modalidade de ensino, que visa promover o desenvolvimento global do aluno.

Porém, para que haja um pleno desenvolvimento da criança, o educador deverá permanecer consciente e habilitado, para assim permitir o toque, a sensibilidade, a percepção do próprio corpo e fazer a união entre a psique e o corpo durante as brincadeiras que envolvam o correr, andar, pular, amassar, subir, descer, manipular objetos, etc., subestimando algumas dificuldades e oportunizando um melhor aprendizado.

É pela motricidade e pela visão que a criança descobre o mundo dos objetos e é manipulando-os que ela redescobre o mundo; porém, esta descoberta a partir dos movimentos só será verdadeiramente frutífera quando a criança for capaz de segurar e de largar, quando ela tiver adquirido a noção de distância entre ela e o objeto que ela manipula, quando o objeto não fizer mais parte de sua simples atividade corporal indiferenciada.

A psicomotricidade não é exclusiva de um método, ou de uma “escola” ou de uma “corrente” de pensamento, nem constitui uma técnica, um processo, mas visa fins educativos pelo emprego do movimento humano.

(Ferronato, *apud* AJURIAGUERRA, 2006, p.53).

Então ao se relacionar com os objetos a criança passa a se comunicar melhor com o que a rodeia, percebendo e compreendendo o que a cerca. Segundo Freire (1991) não se deve considerar os atos motores só na relação da criança com o mundo, mas na compreensão dessas relações, porém a atividade corporal está ligada à atividade simbólica, ou seja, às representações mentais com o mundo real.

Ferronato, *apud* FREIRE, (1991, p.54), frisa:

[...] Não se passa do mundo concreto para a representação mental se não por intermediário da ação corporal. A criança transforma em símbolos aquilo que pode vivenciar corporalmente: o que ela vê, cheira, pega, chuta, aquilo de que corre e assim por diante.

A psicomotricidade inicialmente adota o mesmo modelo da educação física em se tratando da ginástica ao agrupar exercícios como: lateralidade, orientação temporal, orientação espacial, equilíbrio, ritmo e coordenação.

A Sociedade Brasileira de psicomotricidade atualmente vem se esforçando junto aos profissionais da educação que atuam nessa linha para que caminhem de forma estruturada e séria. Sendo que, para essa Sociedade, a Psicomotricidade, “é uma ciência que tem por objetivo o estudo do homem por meio de seu corpo em movimento, nas relações com seu mundo interno e externo”.

Portanto, o desenvolvimento da psicomotricidade ocorre através de exercícios motores, e o sujeito percebe as diferenças quando seu corpo se desloca, possibilitando momentos de domínio do mesmo. Logo, a mesma busca sempre oferecer às crianças a livre expressão do seu corpo e de sua mente, para que se sintam e sempre estejam bem.

Um ponto fundamental para o desenvolvimento e aprendizagem da criança Down é a parceria escola e família, pois é fundamental que a família incentive a prática de tudo que a criança assimila. Os pais e familiares da criança Down necessitam de informações sobre a natureza e extensão da excepcionalidade; quanto aos recursos e serviços existentes para a assistência, tratamento e educação, e quanto ao futuro que se reserva ao deficiente.

Deste modo, a família é primordial para a aquisição de linguagem oral, principalmente nos primeiros anos de vida, quando a criança se encontra em período de maturação orgânica e seu sistema nervoso está sendo adaptado pelas experiências e estímulos recebidos e internalizados.

Assim, a aprendizagem da criança com Síndrome de Down dá-se de forma diferenciada, pois a mesma tem idade cronológica diferente das demais, por isso não devemos ter expectativas que os mesmos respondam iguais aos “normais”, os quais não apresentam alterações em sua aprendizagem. As crianças com SD apresentam lesões cerebrais, e em seu sistema nervoso há desajustes, passando a não funcionar corretamente. O que os leva a não ter um real desenvolvimento em sua habilidade, não demonstrando maturação em determinada idade, o que pode acontecer mais tarde, pois isso acontece lentamente.

As abordagens metodológicas devem buscar respeitar as especificidades que estão presentes no aluno, além de sua síndrome, como idade, personalidade, interesses e capacidades de cada um.

Sua aprendizagem depende especificamente da complexa interação dos processos neurológicos e da harmonia na evolução de funções específicas como: esquema corporal, alteridade, orientação têmporo-espacial, percepção e linguagem. As mesmas não desenvolvem estratégias espontâneas fato este que deve ser levado em consideração no processo de aquisição de aprendizagem, sendo que apresentará muitas dificuldades no momento de resolver problemas e buscar soluções para os mesmos.

Além disso, outras deficiências podem dificultar mais ainda o desenvolvimento da aprendizagem destes alunos, como: alterações visuais e auditivas, debilidades de associação e programação de sequências e, incapacidade de organizar atos cognitivos e de condutas.

As dificuldades ocorrem pelo fato da imaturidade nervosa entre outras, dificultarem funções mentais como: memória, habilidade para usar conceitos abstratos, imaginação, percepção geral, esquema corporal, relação espacial, habilidade no raciocínio e ainda na estocagem do material aprendido e transferência na aprendizagem. Dificultando assim suas atividades escolares, como descreve Schwartzman (1999, p.247):

Entre outras deficiências que acarretam repercussão sobre o desenvolvimento neurológico da criança com síndrome de Down, podemos determinar dificuldades na tomada de decisões e iniciação de uma ação; na elaboração do pensamento abstrato, no cálculo; na seleção e eliminação de determinadas fontes informativas; no bloqueio das funções perceptivas (atenção e percepção); nas funções motoras e alterações da emoção e do afeto.

Mas, a criança com essa síndrome pode sim se desenvolver e executar atividades, tendo algumas evoluções bastante razoáveis tanto na leitura e escrita quanto na linguagem se forem consideradas suas experiências e se forem bem auxiliadas pedagogicamente.

A sala de recursos, na escola normal, é um auxílio que deve incidir em local apropriado a receber as crianças especiais que deverão ganhar assistência pedagógica especializada. A sala de recursos funciona desenvolvendo com as crianças especiais as atividades. O professor de recursos deve priorizar as atividades em que o deficiente tem dificuldades e precisa de auxílio. Este pode servir como tutor dos estudantes excepcionais em suas classes e deve atentar de que os

professores das crianças excepcionais recebam os materiais e equipamentos didáticos, que se façam necessários.

Um fato determinante para uma boa assistência a crianças especiais é não sobrecarregar demais a sala de recursos especiais para que o professor possa trabalhar bem. E é fundamental também, que o professor indicado esteja preparado, para ser capaz de atender às necessidades de seus alunos e trabalhar em harmonia com o professor da classe regular.

Uma das atividades que pode ser trabalhada em sala de aula, que incluirá tanto os deficientes quanto os demais alunos, é a de fazer bolinhas de papel para serem coladas sobre uma figura traçada. Essa atividade desenvolve a coordenação motora fina da criança além de explorar a sua inteligência. O professor pode ainda utilizar desenhos animados, historinhas, músicas e teatro, uma gama de estratégias para desenvolver e incluir o seu aluno Down. Pois é dele o papel de mediador das relações entre alunos normais e com deficiência em salas de aula regulares.

[...] crianças que apresentam necessidades especiais, o convívio com as outras crianças se torna benéfica na medida em que representa uma inserção de fato no universo social e favorece o desenvolvimento de vínculos estimuladores, o conforto com a diferença e o trabalho com a própria dificuldade.
(Ministério da Educação, 1998, p.35).

Com tudo, o lúdico como recurso metodológico pode ser trabalhado tanto da sala de aula quanto na sala de recursos, pois possibilitará dinamismo e prazer nas atividades. Abreu, Oliveira e Leitão (2009, p.150) ressaltam que “A compreensão de mundo e suas culturas se tornam mais fáceis de serem assimiladas com a vivência de atividades lúdicas”. [...]. O lúdico torna o espaço escolar um ambiente agradável para a criança Down, já que a mesma poderá se relacionar com as demais nas atividades cotidianas.

Viu-se durante este segundo capítulo, o conceito da Síndrome de Down e o desenvolvimento da aprendizagem do aluno Down. Sendo assim, aprofundaremos adiante o estudo metodológico de nossos ambientes de estudo.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA E CARACTERIZAÇÃO DO AMBIENTE DE PESQUISA.

Anteriormente tratou-se do conceito da Síndrome e da aprendizagem das crianças Downs. Neste capítulo faremos um estudo acerca do contexto/local que será fonte das coletas dos dados, assim como explicitaremos os procedimentos metodológicos utilizados para a construção deste trabalho, que aconteceu através do método indutivo, abordagem qualitativa e aplicação de questionários.

3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.

Ao estudar o lúdico, suas implicações e querê-lo situá-lo no contexto educacional a fim de que realmente ocorra uma aprendizagem significativa por parte dos sujeitos envolvidos, deparamo-nos com uma realidade na qual ainda predomina as concepções tradicionais de ensino, em que o aluno com Síndrome de Down ainda é visto como um ser incapaz por algumas escolas.

Portando, para se trabalhar a ludicidade no âmbito educacional, torna-se necessário a quebra de alguns paradigmas tradicionais por meio do esclarecimento dos múltiplos sentidos e significados que o lúdico possui. A partir desta quebra, surgirão questionamentos acerca de: como trabalhar com o lúdico de forma pedagógica que possibilite o desenvolvimento do aluno Down e do dito normal em uma sala de aula regular?

Porém esta pesquisa tem como objetivo geral analisar a importância do lúdico como recurso didático no processo de ensino-aprendizagem de alunos com Síndrome de Down, da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) e da Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Vicente Maués.

E como específicos: Verificar como o lúdico contribui para o desenvolvimento do Ensino-Aprendizagem do deficiente com Síndrome de Down; Saber de que maneira os professores da APAE e da Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Vicente Maués, turno vespertino, podem utilizar o lúdico para desenvolver a coordenação motora dos alunos com Síndrome de Down; Assim como também, perceber qual a relação do professor com o aluno Síndrome de Down na entidade APAE e na Escola Dr. Vicente Maués.

A pesquisa iniciou-se com um estudo bibliográfico que serviu como base para a construção de um conhecimento teórico sobre o tema proposto a fim de auxiliar o desenvolvimento da pesquisa.

Marconi e Lakatos, *apud* MANZO (2007, p.185) descrevem:

A bibliografia pertinente “oferece meios para definir, resolver, não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas onde os problemas não se cristalizaram suficientemente” e tem por objetivo permitir ao cientista “o reforço paralelo na análise de suas pesquisas ou manipulação de suas informações” [...], a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras.

Logo após, deu-se o desenvolvimento da pesquisa com a utilização do método Indutivo, o qual se caracteriza pela indução que é um processo mental por intermédio do qual partimos de dados particulares, suficientes constatados, sendo que se infere uma verdade geral ou universal, não contidas nas partes examinadas. Porém, o objetivo dos argumentos indutivos é de levar a conclusões cujo conteúdo é muito mais amplo do que o das premissas nas quais estão baseadas.

Filho e Gamboa (2002, p. 44 e 45) afirmam que, “[...] Na pesquisa qualitativa, opta-se pelo método indutivo (dos dados a teoria), por definições que envolvem o processo e nele se concretizam, pela intuição e criatividade durante o processo da pesquisa [...]”. Sendo assim, aprofundaremos adiante a abordagem qualitativa.

3.1.1 Abordagem Qualitativa.

No que se refere ao desenvolvimento do estudo, esta pesquisa terá uma abordagem de cunho qualitativo, segundo Triviños (1987, p. 123), “[...] pesquisa qualitativa em educação partiu de paradigmas dedutivos, [...]. Isto é, permitiu não só elaborar categorias, antes de começar o estudo, como também delimitar os resultados dos esquemas culturais do investigador”.

A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. Como nos afirma Lüdke e André (1986, p. 11):

[...], a pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra através do trabalho intensivo de campo. Por exemplo, se a questão que está sendo estudada é a da indisciplina escolar, o pesquisador procurará presenciar o maior número de situações em que esta se manifeste, o que vai exigir um contato direto e constante com o dia-a-dia escolar.

Neste sentido, assumimos a função de observador no espaço pesquisado, com a finalidade de demonstrar a importância da utilização das atividades lúdicas no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem da APAE e Escola Dr. Vicente Maués, principalmente na contribuição, na efetivação de uma prática que possa desenvolver a aprendizagem dos Downs. A escolha dessa pesquisa facilitará uma variedade de informações que colabora positivamente, confirmando ou excluindo algumas hipóteses que foram levantadas nos estudos bibliográficos, isto é, observando a realidade que se saberá se os conhecimentos teóricos adquiridos são realmente evidenciados.

A maioria das informações obtidas foi através da observação e da aplicação do questionário, o qual é um instrumento de coleta de dados, que se constituiu de uma série ordenada de perguntas, as quais devem ser respondidas na ausência do entrevistador.

Aponta alguns fatores que exercem influência no retorno dos questionários: “O patrocinador, a forma atraente, a extensão, o tipo de carta que o acompanha, solicitando colaboração; as facilidades para seu preenchimento e sua devolução pelo correio; motivos apresentados para a resposta e tipo de classe de pessoa a quem é enviado o questionário”.
(Marconi e Lakatos, *apud* SELLTIZ, 2007, p.203).

Então o questionário é um instrumento facilitador para o pesquisador, pois é feito em pouco tempo, obtendo um grande número de dados, evidenciando um maior número de pessoas, com respostas mais precisas e rápidas, sendo que o informante terá mais liberdade e segurança em suas respostas.

Portanto, a pesquisa qualitativa faz-se necessária para a realização deste trabalho, sendo que a mesma possibilitará o contato direto com os indivíduos e a situação pesquisada, o que apresentará uma compreensão melhor dos elementos obtidos durante a pesquisa. E, dando segmento, veremos a seguir o processo metodológico da coleta de dados.

3.1.2 Coleta de Dados.

Esta técnica se deu a partir da utilização de questionários, com perguntas abertas e individualizadas, com professoras da APAE e da Escola Dr. Vicente Maués, ambas no turno vespertino. O questionário foi aplicado a três professoras, sendo duas da APAE e uma da Escola Dr. Vicente Maués; as professoras foram denominadas como P1, P2 e P3.

As mesmas foram identificadas a partir do questionário que estabelecia nome da instituição, data, sexo, idade e escolaridade e ainda havia quinze perguntas abertas e individualizadas. As perguntas foram elaboradas compreendendo questões específicas da pesquisa.

A elaboração de um questionário deve ser feita com bastante atenção devido o mesmo ter um processo longo e complexo de preparação, Marconi e Lakatos (2007, p. 204 e 205) dizem que:

O processo de elaboração é longo e complexo: exige cuidado na seleção das questões, levando em consideração a sua importância, isto é, se oferece condições para a obtenção de informações válidas. Os temas escolhidos devem estar de acordo com os objetivos gerais e específicos.

Assim, o questionário apresenta-se como fundamental para a análise dos dados que seguem, possibilitando analisar o lúdico como recurso didático no ensino-aprendizagem da criança com Síndrome de Down da APAE e da Escola Dr. Vicente Maués. Daremos seguimento com a análise dos dados.

3.2 LOCAIS DA PESQUISA: ENTIDADE ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS EXCEPCIONAIS (APAE) E DA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL DR. VICENTE MAUÉS.

A Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) e a Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Vicente Maués, ambas do município de Abaetetuba, foram os ambientes que nos possibilitaram realizar esta pesquisa acerca do tema proposto. Pois esse entendimento da Entidade e da Escola é bastante relevante conforme o direcionamento da análise aproximar-se da realidade

dos alunos estudados, e para o prosseguimento do processo metodológico desta pesquisa.

3.2.1 Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE).

A Entidade APAE é conveniada com o município e estado, localiza-se atualmente na Rua Brigadeiro Eduardo Gomes nº 1767, no bairro da Aviação, zona urbana do município de Abaetetuba, não possui sua rua asfalto, é rodeada por residências, sendo em sua maioria casas de alvenarias.

A escola foi fundada no dia 29 de junho de 1983, sendo seu primeiro prédio em madeira para atender uma pequena clientela, recentemente possui uma estrutura em alvenaria que atende crianças, adolescentes, adultos e idosos, não só do município de Abaetetuba como de outros municípios vizinhos, com a finalidade de atender pessoas com deficiências múltiplas, físicas e altistas que lá procuram ajuda.

Na imagem 1 é possível visualizarmos o prédio em sua construção recente, estrutura em alvenaria e bastante ampla.



Imagem 1- Frente da APAE (Fonte: Gilcimar de Lima)

A APAE nasceu no Rio de Janeiro por um pai que buscou matricular seu filho deficiente na escola regular e não conseguiu. Hoje a Escola possui uma ótima

infraestrutura com 95 dependências, distribuídas em salas de aula, sala de estimulação senso-cognitivo, duas áreas de lazer, sendo uma coberta e a outra quadra descoberta, área da piscina, cozinha, banheiros localizados em cada ambiente, brinquedoteca, salas de artesanato, sala de psicomotricidade, sala de dança, refeitório, lanchonete, entre outros.

Na cozinha os alimentos produzidos para a lanchonete têm ajuda de alguns alunos como forma de profissionalização dos mesmos, assim como as aulas de artesanato, entre outros serviços realizados por eles, como maneira de prepará-los para o mundo profissional. As imagens 2 e 3 mostram as aulas profissionalizantes.



Imagem 2– Alunos nas atividades profissionalizantes (Fonte: Acervo da Escola)



Imagem 3 – Alunos nas atividades profissionalizantes (Fonte: Acervo da Escola).

O corpo docente atualmente é formado por profissionais cedidos pela prefeitura, pelo estado e voluntários, entre professores, agentes administrativos e outros. Sendo que alguns trabalham os dois turnos e precisam construir ou comprar seus materiais, pois a instituição não os auxilia com todo o material necessário para a realização de suas atividades em sala de aula.

A escola funciona em dois períodos, manhã e tarde, para atender uma clientela de 426 alunos, distribuídos e atendidos de acordo com suas deficiências físicas, motoras ou mentais. Atendendo crianças, adolescentes, adultos e idosos que em sua maioria são de nível sócio econômico baixo, oriundos de família de comerciantes, trabalhadores informais (sem renda fixa) e professores. Esse público é do próprio município e de municípios vizinhos como Moju e Igarapé-Miri. As famílias contribuem com uma taxa de R\$ 10,00 (reais) mensalmente, sendo que nem todos pagam, o arrecadamento é distribuído na compra de materiais pedagógicos e alimentícios para a preparação de salgados e doces na área profissionalizante.

A referida entidade possui cargos como: presidente (voluntário), diretora, secretária, pedagogos, dentista (voluntário), serviços gerais entre tantos outros, porém ainda precisa de pessoas devido à quantidade de alunos que possui. Os profissionais seguem a filosofia da entidade: "O bem estar dos atendidos e trabalhar em função da prática do bem".

A mesma possui uma brinquedoteca que tem como finalidade elevar a brincadeira, para que as crianças despertem para a vida. A relação interpessoal é saudável e corpo a corpo, com diálogo. A instituição desenvolve também projetos como o CRAS (Centro de Referência e Assistência Social) que oferecem cursos, dentro da APAE, profissionalização de corte costura para as mães dos atendidos. E os docentes participam da construção dos projetos que a entidade desenvolve.

Segundo o Presidente da APAE os pontos positivos vivenciados na mesma são em relação à profissionalização dos funcionários, os quais têm uma relação de compromisso com seu trabalho, e buscam o melhor para os alunos. Além da credibilidade que possui por parte da sociedade, e do espaço físico serem amplos para o seu bom funcionamento.

Foi possível observar que os pontos negativos apresentam-se devido à falta de recursos, pouco incentivo dos órgãos públicos com relação a investimentos, recursos e carência de profissionais habilitados.

A Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) foi um dos ambientes pesquisados; o outro foi a Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Vicente Maués, a qual será caracterizada a seguir.

3.2.2 Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Vicente Maués.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Vicente Maués, localiza-se na Trav. José Gonçalves Chaves nº 503, no bairro São Lourenço, zona urbana do município de Abaetetuba. A rua da escola é asfalta, a qual se encontra conservada. Em sua mediação há várias residências, em sua maioria casas de alvenarias, sendo a maioria pintada e com bom acabamento.

A instituição foi fundada no dia 22 de abril de 1969. Construída com fins educacionais, sendo seu nome uma homenagem ao primeiro engenheiro filho de Abaetetuba. A figura 4 mostra a frente da Escola Dr. Vicente Maués.



A imagem 4- mostra a frente da Escola Dr. Vicente Maués. (Fonte: Eliane Belo)

Hoje a escola possui 24 dependências, sendo secretaria, sala de apoio pedagógico, cozinha, banheiro, sala de leitura, quadra de esporte (a qual não possui cobertura e por esse motivo ficam impossibilitadas as aulas de educação física em alguns horários do dia), entre outros. Na imagem 5 a quadra da escola em uma tarde de sol.



Imagem 5- Quadra da Escola Dr. Vicente Maués. (Fonte: Eliane Belo)

Mas, infelizmente não dispõe de recursos materiais suficientes como uma brinquedoteca. Assim como materiais didáticos que o professor precisa construir ou comprar.

A mesma funciona nos três períodos (manhã, tarde e noite), para uma clientela de 562 alunos, sendo 85 de Educação Infantil, 261 Ensino Fundamental (1º a 5º ano) e 216 na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Esse público é de crianças, jovens e adultos de nível sócio econômico baixo, oriundos de famílias de professores, comerciantes, trabalhadores informais sem renda fixa. Sendo essa clientela de moradores do bairro e de bairros vizinhos.

A referida Instituição tem um Conselho Escolar que é composto pelas categorias de pais, alunos, funcionários e comunidade. Com os cargos de presidente, vice-presidente, secretária e tesoureiro.

A escola tem como concepção filosófica “Buscar desenvolver um trabalho voltado para a formação da cidadania tendo como base os valores éticos e morais”, a qual é adotada pelo corpo docente e administrativo da escola, que é completo e composto por profissionais concursados pelo município, os quais conseguem suprir as necessidades de cada turno.

A relação interpessoal entre todos os funcionários é boa, o que possibilita um trabalho coletivo mais eficaz. A instituição desenvolve formação para dos profissionais, a qual ocorre durante a hora-atividade. Os mesmos ainda participam do planejamento escolar que acontece de forma coletiva e participativa por partir de toda a comunidade escolar.

Segundo a Diretora da Escola, os pontos positivos da escola é o desenvolvimento coletivo; a realização de diversos projetos voltados para alunos e profissionais; o empenho e o compromisso dos professores com o processo ensino-aprendizagem. Enquanto os pontos negativos são os poucos recursos materiais e financeiros para dar seguimento a projetos e a pouca participação da família na vida escolar de seu aluno.

Após a caracterização dos lugares pesquisados daremos início ao detalhamento do processo metodológico utilizado para este estudo.

4. ANÁLISE DOS DADOS.

A análise dos dados deu-se a fim de proporcionar indicativos que nos represente a realidade dos sujeitos pesquisados com referência ao lúdico como recurso didático no ensino-aprendizagem da criança com Síndrome de Down da APAE e da Escola Vicente Maués.

Analisar os dados qualitativos significa “trabalhar” todo o material obtido durante a pesquisa, ou seja, o relato de observação, as transcrições de entrevistas, as análises de documentos e as demais informações disponíveis. A tarefa de análise implica, num primeiro momento, a organização de todo o material, dividindo-o em partes, relacionando essas partes e procurando identificar [...]. (Ludke e André, 1986, p. 44).

Com base nisto, neste capítulo, faremos a aplicação do método, a partir da análise dos questionários respondidos pelas três professoras.

4.1 A APLICAÇÃO DO MÉTODO.

A pesquisa foi realizada em três turmas, com três professoras denominadas P1, P2 e P3. Sendo P1 e P2 da entidade APAE, P1 trabalhava somente com alunos não inclusos tendo dois Downs em sua turma, com um total de seis alunos. P2 trabalhava com alunos inclusos, tendo um Down na turma, em um total de sete alunos.

P3, a terceira professora pesquisada, é da Escola Dr. Vicente Maués trabalhava com uma turma regular tendo um aluno Down incluso. Para cada professor foi entregue um questionário com a data de devolução no final das observações da turma.

Os questionários foram realizados conforme consentimento dos sujeitos pesquisados, por meio do esclarecimento da pesquisa, referente ao assunto e ao objetivo do estudo. Para a coleta de dados foi utilizado uma máquina fotográfica digital, com a qual foi possível registrar os espaços das unidades educativas.

Os dados obtidos, por meio das respostas escritas e fotos foram arquivados no intuito de garantir o anonimato dos pesquisados, no entanto também

foram perpassados pelos informantes, para que se mantenha a essência da pesquisa.

A organização dos dados aconteceu através de quadros, para cada quadro, uma pergunta do questionário e em seguida a análise das mesmas. A identificação dos professores será através das siglas P1, P2 e P3 na ordem da pesquisa. Assim como também os quadros serão de acordo com a ordem das perguntas do questionário.

Quadro 1: Qual o seu tempo de atuação profissional e há quando tempo você trabalha com o ensino fundamental? Turma regular ou educação especial?

P1	Tenho vinte e três anos de atuação profissional, porém na educação especial somente dois anos.
P2	Dezenove anos de formação e há onze anos trabalho no ensino fundamental.
P3	Seis anos, três no ensino fundamental e um ano e cinco meses com criança especial.
Comentário	O período de atuação com educação especial é pouca se considerado o tempo de atuação profissional.

Quadro 2: Você sabe o que significa a expressão lúdico?

P1	É todo e qualquer movimento do corpo que produz prazer divertimento.
P2	Sei, lúdico significa jogos, brincadeiras.
P3	Sim.
Comentário	Todos conhecem o que significa a expressão lúdico.

Quadro 3: Em sua opinião, qual a contribuição do lúdico para o desenvolvimento de crianças com Síndrome de Down? Quais os benefícios proporcionados pelas brincadeiras e quais os tipos e os objetivos dessas brincadeiras?

P1	O lúdico contribui no desenvolvimento da linguagem, pensamento e socialização, auxilia no ensino-aprendizagem e no psicomotor, motricidade fina e ampla. Através das brincadeiras a criança desenvolve a criatividade, curiosidade fazendo novas descobertas.
----	---

P2	O desenvolvimento enorme, pois eles aprendem brincando e essas brincadeiras fazem com que eles se interesse mais pelo que estão vendo e os objetivos são o aprendizado.
P3	Trabalhar com o lúdico tem se obtido um resultado positivo, pois é uma maneira de chamar a atenção da criança.
Comentário	Os professores trabalham o lúdico em sala de aula. Logo o mesmo vem a contribuir para o desenvolvimento total da criança.

Quadro 4: Você leva em consideração o cotidiano de seus alunos para a construção de suas aulas? Explique.

P1	Com certeza, porque é a partir do conhecimento que ela traz, podemos trocar experiências e estar nos planejando para melhor atendê-lo.
P2	Sim, procuro conhecê-los dentro e fora da escola para que tenhamos boas aulas e possamos interagir melhor.
P3	Sim, é através da realidade da vida do educando que se busca um desenvolvimento melhor em sala de aula.
Comentário	Os pesquisados consideraram o cotidiano de seus alunos na construção de suas aulas.

Quadro 5: Descreva como são realizadas suas aulas neste ambiente escolar.

P1	As aulas são realizadas com atividades lúdicas que estimulem o desenvolvimento psicomotor, intelectual e social do educando.
P2	As aulas são realizadas sempre com amostra de tudo que vamos trabalhar para que eles possam visualizar e entender os assuntos propostos.
P3	Através de jogos e brincadeiras.
Comentário	São aulas lúdicas que proporcionam ao educando momentos de prazer e aprendizagem.

Quadro 6: Como você classifica o comportamento de seus alunos dentro e fora da sala de aula?

P1	Todos tem um ótimo comportamento dentro e fora da sala de aula.
P2	Tenho alunos com vários tipos de deficiência e essa classificação eu as façam de acordo com o que eu vivencio todos os dias, pois cada dia é um dia diferente para eles e para mim.
P3	Bom.
Comentário	No geral as professoras consideram que as crianças Downs tem um bom comportamento social.

Quadro 7: Você já participou de alguma formação continuada? Qual ou quais?

P1	Uma vez por ano quando há os cursos de educação especial promovido pela unidade técnica e a APAE.
P2	Já participei de várias que foram ofertados pela Secretária de Educação do município, mas infelizmente não lembro de nomes nem de datas.
P3	Não
Comentário	A participação dos professores é pouca se avaliando a necessidade que os mesmos têm de conhecimento sobre o tema educação da criança com Síndrome de Down.

Quadro 8: Você utiliza em suas aulas atividades lúdicas como forma de mediação do saber, conhecer e aprender?

P1	Acredito que as três palavras são necessárias, pois a aprendizagem é entendida como construção do conhecimento e da interação com o outro.
P2	Sim, pois nesse contexto em que eu trabalho é de extrema necessidade esse trabalho com eles.
P3	Sim.
Comentário	As educadoras utilizam as atividades lúdicas no processo de ensino-aprendizagem de seus alunos.

Quadro 9: Como se dá a interação entre a criança Down com as ditas normais e que tipo de mudanças de comportamento é observado nas mesmas?

P1	Na instituição que eu trabalho eles interagem muito bem um com o outro, devido todos serem deficientes.
P2	Essa interação se dá a partir do momento que ambas se respeitam, pois os Downs muitas das vezes são agressivos e os considerados normais não entendem isso.
P3	Com a maioria da turma a interação se dá de forma tranquila, porém alguns alunos tem dificuldade em aceitar o aluno Down.
Comentário	Em sua maioria harmoniosamente, porém com exceções.

Quadro 10: Sob seu ponto de vista, como seus alunos sentem, pensam e agem dentro da sala de aula?

P1	Acredito que ele se sente muito bem no ambiente onde eles se encontram porque ele convive com pessoas iguais a eles, devido isso eles não sofrem nenhum tipo de discriminação.
P2	Eles agem de maneira que querem, falam, gritam, brincam, brigam e nesse processo o professor precisa estar atento para qualquer tipo de atitude dos mesmos.
P3	A maioria age de maneira normal, no entanto, existem alunos que agem de modo inadequado.
Comentário	Os alunos tem liberdade para se expressarem, agirem de maneira normal e não serem vistas como pessoas estranhas ou doentes.

Quadro 11: Como você trata os alunos com Síndrome de Down? Explique.

P1	Em primeiro lugar com carinho e amor, e o aluno com Síndrome de Down deve ser tratado como qualquer outra criança. O mais importante é o reconhecimento dessa criança como uma pessoa e não um deficiente, um coitado.
----	--

P2	Eu os trato com muito carinho, dou atenção aos mínimos detalhes e tento fazer com que eles me respeitem e que façam de cada aula um momento de aprendizado e diversão.
P3	Trato a turma toda de maneira igual, no entanto o Down necessita de uma atenção especial, somente com auxílio ele consegue realizar suas atividades.
Comentário	Tentam trabalhar com ele de maneira igual, sem deixa de dar-lhe a atenção necessária.

Quadro 12: Como está acontecendo a inclusão do aluno com Síndrome de Down e quais os recursos didáticos, pedagógicos e lúdicos utilizados com os mesmos?

P1	Quanto à inclusão do Down, observa-se que ela ainda deixa a desejar, porque os recursos ainda são precários para atender a clientela.
P2	Saber se a educação é precária e que os recursos didáticos e pedagógicos são escassos, mas nada disso nos impedi de fazer um bom trabalho. Essa inclusão está bem aceita por todos na escola.
P3	Está acontecendo muito rápido joga o aluno na sala de aula e não proporcionam nenhum tipo de formação ao professor.
Comentário	Na realidade a inclusão apresenta-se de maneira ociosa, pois há falta de materiais para se trabalhar, poucos cursos de formação para os professores o que reflete no mal estar do professor e do aluno.

Quadro 13: Quais os recursos didáticos, pedagógicos e lúdicos que a escola possui?

P1	A escola possui computador, datashow, filme, gravador, livros, revistas, e alguns jogos educativos.
P2	Temos poucos doados pela escola, mas confeccionamos bastante como: fichas de leitura, jogos de sílabas, ditado móvel com palavras curtas, etc...
P3	A escola possui jogos e vídeos.
Comentário	Em geral as escolas não possuem material suficiente.

Quadro 14: Quais as técnicas educacionais aplicadas ao deficiente com Down?

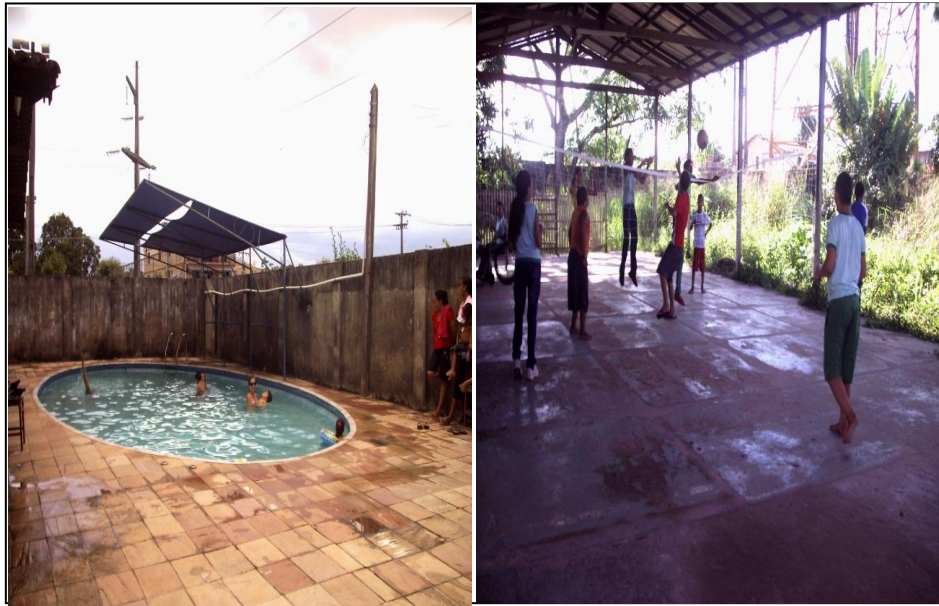
P1	Não há uma técnica utilizada especialmente para ensinar a criança com Síndrome de Down. Aqui na instituição trabalhamos com atividades que estimulem tanto o corpo como o cérebro, e com materiais concretos.
P2	As técnicas são leitura, escrita, jogos, brincadeiras, passeios, caminhadas, danças, aula de canto, arte, atividades físicas e muito mais.
P3	Trabalhar com jogos.
Comentário	Não há uma técnica definida, mas uma diversificação de métodos, os quais devem desenvolver tanto o cognitivo quanto o psicomotor da criança.

Quadro 15: Em sua opinião, quais os benefícios que a educação especial oferece para o educador, tanto na área profissional quanto na pessoal?

P1	Na área profissional ela enriquece o nosso currículo porque a cada dia estamos estudando mais buscando conhecimento para nos aperfeiçoarmos e melhor atendê-lo. Quanto ao pessoal ela nos ensina a valorizar o ser humano e também a nos valorizar como pessoa, demonstrando que todos somos iguais.
P2	Quase que nenhum na teoria tudo parece fácil, simples, mas na prática o que possuímos é muito pouco para atender a demanda que é enorme e cresce cada dia mais.
P3	Superação.
Comentário	Para os professores a educação especial traz benefícios tanto para o profissional quanto para o pessoal, uma vez que buscaram conhecimentos para ajuda-los e também passam a reconhecer e valorizar a pessoa com deficiência.

Portanto, foi possível observar que a P1 trabalhou música durante todo o período de aula. Trabalhava com bastantes jogos, utilizando materiais com cores, formas e tamanhos diversificados. As atividades eram todas lúdicas e os alunos recebiam vários atendimentos durante o período que estavam na entidade APAE, de

atividades na piscina à aulas de educação física. Nas imagens 6 e 7 alunos em momento de atividades.



Imagens 6 e 7 mostram atividades na piscina e na quadro coberta. (Fonte: Eliane Belo)

P2 trabalhava com alunos incluídos, sua principal atividade em sala de aula era dar reforço dos conteúdos trazidos da escola regular. A ludicidade era trabalhada somente em atividades extraclasse, como as atividades de dança e momentos de aeróbicas. As imagens 8 e 9 mostram as atividades de danças, folclóricas e aeróbicas.



Imagens 9 e 10- Atividades extraclasse. (Fonte: Eliane Belo)

P3 trabalhou os conteúdos em sala de aula utilizando algumas atividades lúdicas como: recorte e colagem, confecção de cartazes, cartelas silábicas e numéricas. As atividades extraclases foram feitas no parque que a escola possui. As imagens 10 e 11 representam a turma regular do aluno Síndrome de Down e a área de recreação.



Imagens 10 e11 – A turma regular e a área de recreação. (Fonte: Eliane Belo)

A partir da análise do questionário e das observações realizadas nos campos de estudo é possível concluirmos que a ludicidade está presente nas atividades trabalhadas com o aluno Down, tanto na turma regular quanto na turma especializada. Apesar das diversas dificuldades os professores tentam trabalhar da melhor maneira possível com seu aluno, buscando sempre incluí-lo. Ter um bom relacionamento com seu aluno Down. E foi possível confirmarmos que o lúdico é de extrema importância para desenvolver e incluir a criança com Síndrome de Down, por isso deve estar inserido nas metodologias de qualquer professor.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa possibilitou conhecer as contribuições da ludicidade para o processo ensino-aprendizagem no âmbito escolar. O método utilizado foi o indutivo que se apresentou enquanto um importante caminho para a análise dos dados. Assim como utilizamos a organização em temas para a análise das perguntas.

As dificuldades encontradas variam desde o pouco tempo para a produção deste, até em empréstimos de livros, por conta da greve dos funcionários da biblioteca, até mesmo, pela greve das escolas municipais de Abaetetuba o que ocasionou maior dificuldade para fazer a observação em sala de aula.

Apesar dos limites enunciados, o estudo apresenta resultados importantes para a educação da criança com Síndrome de Down acerca da ludicidade no processo de ensino-aprendizagem. Uma vez que a ludicidade vem ser a condição essencial para o desenvolvimento cognitivo, social, motor e educativo das crianças deficientes, pois o lúdico cria, na sala de aula, um ambiente prazeroso, alegre, afetuoso, possibilitando uma interação com todos.

Diante disso, pode-se concluir que os objetivos traçados foram alcançados, pois a análise dos dados nos permitiu diagnosticar que os professores conhecem e trabalham a ludicidade em sua totalidade com seus sentidos e significados, faz-se necessário uma formação continuada que possibilite ao docente viver o lúdico, para que possa aplicá-lo com segurança.

Portanto, é preciso aceitar e valorizar a ludicidade no processo ensino-aprendizagem, já que ela possibilita ao indivíduo Down aprender brincando, somente assim ele irá assimilar conhecimento de forma prazerosa e, divertindo-se através desse método facilitador, será possível a construção de uma aprendizagem significativa contribuindo para o processo ensino-aprendizagem dos deficientes com Síndrome de Down.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS

ABREU, Waldir Ferreira de; OLIVEIRA, Damião Bezerra; LEITÃO, Wanderleia Medeiros. **Brinquedo Cantado**. Belém: geperuaz - UFPA, 2009.

ALVES, Fátima. **Para entender Síndrome de Down**. Rio de Janeiro: Wak, 2007.

ALMEIDA, A. **Ludicidade como Instrumento Pedagógico**. Disponível em: - <http://www.Cdof.Com.br>.

AGUIAR, J. S. Jogos para o ensino de conceitos. Campinas: Papyrus, 1998.

ARAÚJO, Vânia Carvalho de. **O jogo no contexto da educação psicomotora**. São Paulo: Cortez, 1992.

BRASIL. Governo Federal. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Salvador-Bahia: egba, 2004.

_____. Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Volume 1. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRITO, Ana Rosa Peixoto de. **LDB da “Conciliação” possível á lei “Proclamada”**. Belém: graphite, 1997.

CAMPOS, D. M. S. **Psicologia da Aprendizagem**. Petrópolis: Vozes, 1986.

DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do Corpo**. Ed. 8ª. São Paulo: Papyrus, 2004.

DEMO, Pedro. **A NOVA LDB: Ranços e Avanços**. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

FÁVERO, Eugênia Augusta Gonzaga; PANTOJA; Luísa de Marillac P.; MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Atendimento Educacional Especializado: Aspectos Legais e Orientação Pedagógica**. São Paulo: MEC/SEESP, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (coleção leitura).

_____ **Pedagogia da Indignação: Cartas Pedagógicas e outros Escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.

FERRONATO, Sônia Regina Brizolla, **Psicomotricidade e Formação de Professores: Uma proposta de atuação**. PUC-Campinas, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de H. **Mini Aurélio século XXI escolar: O minidicionário da língua portuguesa**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

KISHIMOTO, Tizuko M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e educação**. 5ª Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____ **O Brincar e suas teorias**. São Paulo: Perspectiva/EDUSP, 1987.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa e educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

NUNES, Ana Raphaella Shemary. **O lúdico na aquisição da segunda língua**. <http://www.linguaestrangeracom.br>.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Fundamento da Metodologia Científica**. 6ª Ed. São Paulo, Atlas, 2007.

PIAGET, Jean. **Desenvolvimento e aprendizagem**. Rio de Janeiro: Imago, 1972.

_____ **O pensamento e a linguagem da criança**. São Paulo: Ática, 1994.

SANTOS FILHO, Jose Camilo dos, GAMBOA, Silvio Sánchez. **Pesquisa Educacional: quantidade e qualitativa**. São Paulo: Cortez, 2002.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. **Brinquedoteca: A criança, o adulto e o lúdico**. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

SCHWARTZMAN, J. S. **Síndrome de Down**. São Paulo: Mackenzie, 1999.

TEZANI, Tais Cristina Rodrigues. **O Jogo e os processos de aprendizagem e desenvolvimento: aspectos cognitivos e afetivos**. 2004. Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com.br>.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução á pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1997.

VALENTE, Ivan. **Paulo Freire vive! Hoje, dez anos depois...** Brasília/DF. Câmara do Deputados, 2007.